

Eleição presidencial em França: Um resultado imprevisível

Qualquer prognóstico, a doze dias da primeira volta da eleição presidencial, é totalmente vão. «Um terço dos cidadãos não sabe em quem votará e outro terço nem sequer sabe se irá às urnas. Isto demonstra a fiabilidade das sondagens que ritmam a campanha», resume o editorialista do *L'Est Républicain*, de 11 de Abril. *Le Monde* (12 de Abril) lamenta-se: «Quanto mais a campanha se acerca do fim, mais o seu resultado parece imprevisível. Os eleitores estão particularmente indecisos, hesitantes ou desorientados. Tem havido um debate errático, desordenado, substituindo um tema por outro – da noite para o dia – sem conseguir prender duravelmente a atenção.»

Tanto à esquerda como à direita, os dirigentes dos partidos em ruínas tentam, com combinações contraditórias, manter a sua sobrevivência e a do regime moribundo, do qual foram os pilares durante décadas.

A subida espectacular de Jean-Luc Mélenchon nas sondagens – depois da sua reiterada recusa de se apagar face ao candidato do PS – é saudada por centenas de milhares de eleitores potenciais, que vêm em Mélenchon a ruptura com um quinquénio simbolizado pela Lei do Trabalho que combateram arduamente. Isto tem como reflexo, concomitante e invertido, o colapso desse candidato (Benoît Hamon), cada dia mais abandonado pelos dirigentes e eleitos do PS a virar-se para Macron, que disputa a Fillon o papel de garante mais credível do capital financeiro.

Mas nenhum deles é capaz de garantir a estabilidade de qualquer futuro Governo. O que alarma tudo o que a Europa conta de «grandes dirigentes» não é o perigo Le Pen, mas sim a profundidade da rejeição do povo. Ao mesmo tempo, Pierre Gattaz (o actual Presidente do MEDEF¹) e Denis Kessler (dono de um gigante mundial dos Seguros, que foi Vice-presidente do MEDEF e é um autêntico porta-voz do capital financeiro) acabam de voltar a indicar o roteiro – de uma brutalidade inaudita – que eles queriam que o futuro Governo seguisse, qualquer que ele seja.

Todos estão conscientes daquilo que está em jogo: após as eleições, perfila-se uma «prova de fogo», um confronto geral. É isto que os assusta a todos. Só a luta de classes poderá resolver esta situação, abrindo uma resposta política positiva para os trabalhadores e as suas famílias. Esta perspectiva justifica plenamente a proposta feita, a 25 de Março, por 600 delegados das Comissões de ligação e de intercâmbio – em que participam trabalhadores e militantes de todas as tendências do movimento operário – de constituição de um «Comité nacional para a defesa das conquistas de 1936 e 1945²».

-
- (1) O Movimento das empresas de França (MEDEF) é a principal organização do Patronato francês.
 - (2) Estes anos referem-se a períodos de mobilizações revolucionárias dos trabalhadores franceses, que impuseram inúmeras conquistas – principalmente ao nível da Segurança Social e dos direitos laborais.